

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

NÍCOLAS MARCOS ROCHA SILVA

**A PRÁTICA DE LEITURA CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUA
INGLESA: UMA PROPOSTA SOCIALMENTE JUSTIFICADA**

**TERESINA
2017**

NÍCOLAS MARCOS ROCHA SILVA

**A PRÁTICA DE LEITURA CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUA
INGLESA: UMA PROPOSTA SOCIALMENTE JUSTIFICADA**

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso como requisito
parcial para obtenção da aprovação semestral no
Curso de Licenciatura Plena em Letra Inglês pela
Universidade Estadual do Piauí.

Professora Orientadora: Profa. Dra. Márlia Riedel

**TERESINA
2017**

NÍCOLAS MARCOS ROCHA SILVA

**A PRÁTICA DE LEITURA CRÍTICA NO ENSINO DE LÍNGUA
INGLESA: UMA PROPOSTA SOCIALMENTE JUSTIFICADA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márlia Riedel – Presidente

Profa. Gioconda – membro

Prof. Paulo Mota - membro

Ao Deus Criador, à minha família e mulher, com amor. A todos educadores que, por meio deste trabalho, se sintam representados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me agracia todos os dias com sua presença e paz de espírito, e assim eu caminho com alegria, fazendo do meu coração sua morada.

Ao mestre, Jesus, que entregou sua vida à vontade do Pai, e, por amor, deixou seu legado de misericórdia e compaixão.

À minha família, pela paciência, amor e compreensão sobrenatural! Minha mãe Marinete Veras, meu pai Mauro Marcos e minha irmã Nicole Fernanda. Sem palavras, para existência desses três seres humanos na minha vida. Meus pais, vocês são muito mais do que eu merecia nesta vida, eu sou eternamente grato a Deus por ter nascido como filho de vocês, pois não me falta nada imaterial ou material. Amo vocês!

À minha querida mulher e companheira inigualável, Ellen Gonçalves, que me segurou pelas mãos várias vezes e me fez acreditar que eu era capaz de continuar vencendo. Obrigado, meu amor, por me amar verdadeiramente. Você faz parte de tudo isso, e estarei sempre ao seu lado, não importam as circunstâncias. Amo você!

À querida Professora Doutora Márlia Riedel, minha orientadora, que me acolheu como eu nunca imaginaria, um anjo que me fez enxergar a luz no fim do túnel e superar essa barreira! Nunca me esquecerei de sua solicitude e atenção, professora. Muita paz para você e sua família.

À Universidade Estadual do Piauí, e a todos que fazem essa Instituição de Ensino Superior, pela oportunidade de acesso à academia – ao ensino e à pesquisa.

Muito obrigado a todos vocês!

De forma que, certo dia,
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- garrafa, prato, facão-
Era ele quem fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
(Vinícius de Moraes)

RESUMO

Este trabalho tem, como objetivo, propor o aperfeiçoamento da competência da leitura em língua inglesa, como ferramenta para o desenvolvimento crítico e reflexivo do aluno. Apresenta uma análise de como fatores motivacionais e didáticos, dentro da sala de aula, podem encaminhar e auxiliar discentes para o desenvolvimento de si mesmos, utilizando-se da leitura crítica nas aulas de língua inglesa. É necessário maior entendimento e fomento de práticas e métodos de ensino-aprendizagem que intervenham na melhoria das atividades propostas em sala de aula, respeitando as dimensões da comunicação, das emoções e vivências do grupo no mundo da atualidade. Essa investigação é uma pesquisa do tipo Bibliográfica aliada a uma Pesquisa Ação, e possui, como aparato teórico, autores como Brandão e Micheletti (2002), Freire (2004), Magalhães & Alçada (1988), entre outros autores que discutem a temática abordada.

Palavras-chave: ensino; sala de aula; leitura crítica; motivação.

ABSTRACT

This work aims to propose the improvement of reading competence in English as a tool for the critical and reflective development of the student. It presents an analysis of how motivational and didactic factors, within the classroom, can guide and help students to develop themselves, using critical reading in English language classes. It is necessary to better understand and promote teaching-learning practices and methods that intervene in the improvement of the activities proposed in the classroom, respecting the dimensions of communication, emotions and experiences of the group in the present days. This investigation is a bibliographical research allied to an action research, and it has, as theoretical apparatus, Brandão and Micheletti (2002), Freire (2004), Magalhães & Alçada (1988), among other authors that discuss the subject matter.

Key-words: Teaching; classroom; critical reading; motivation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Nas aulas, somente ensina conteúdos gramaticais?.....	pág. 23
Gráfico 02 - Usa estratégias diferenciadas, de ensino, nas aulas de inglês?.....	pág. 24
Gráfico 03 - Busca desenvolver a habilidade de leitura, em inglês, com textos interessantes e diversificados em sala de aula.....	pág. 25
Gráfico 04 - Trabalha exercícios de compreensão dos textos lidos?.....	pág. 26
Gráfico 05 - Motiva os alunos para a leitura de textos nas aulas?.....	pág. 27
Gráfico 06 - Motiva os alunos para participação ativa nas aulas?.....	pág. 28
Gráfico 07 - Estabelece diálogo entre os alunos com atividades interativas durante as aulas de inglês?	pág. 29
Gráfico 08 - Discute as ideias do texto lido e as respostas das atividades de compreensão após a leitura do texto?.....	pág. 30
Gráfico 09 - Incentiva os alunos para participação das atividades propostas em sala de aula?.....	pág. 31
Gráfico 10 - É acessível e entusiasmado quando está trabalhando com um texto ou uma música em sala de aula?.....	pág. 32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA CRÍTICA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO	14
3 COMO AS ATIVIDADES DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA PODEM AJUDAR NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DO INDIVÍDUO	16
3.1 A importância da motivação como estratégia para alcançar os objetivos da leitura crítica.....	18
4 METODOLOGIA	21
4.1 Tipo de Pesquisa	21
4.2 População	21
4.3 Amostra.....	21
4.4 Técnica de Coleta de Dados.....	22
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO <i>CORPUS</i>	23
5.1 Resultados dos questionários aplicados aos alunos.....	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
APÊNDICE	35

1 INTRODUÇÃO

Ao contrário do que a sociedade atual prega, incessantemente, sobre a expansão de falantes da língua inglesa, só uma minoria da população tem e terá a oportunidade de usar o inglês em suas vidas, se utilizando das quatro habilidades para se aprender, de forma efetiva, uma língua estrangeira, que são: *listening*, *speaking*, *writing* e *reading*, pois a realidade do Brasil mostra que, cada vez mais, cresce a demanda extraclasse de aulas particulares para um aprendizado mais concreto da língua inglesa.

Em relação às reais e urgentes necessidades do aluno e do professor, precisa-se de algumas perguntas, como por exemplo, “Como seria o terreno fértil que nos ajudaria de verdade no sucesso de aprendizados?”, em outras palavras, que atmosfera e quais adubos seriam nossos recursos para se conectar a quem nos assiste e fazê-los conhecer a leitura e seus prazeres?

Para Brandão e Micheletti (2002, p. 9):

O ato de ler é um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra.

Assim, fica claro então, que o ato de ler não é algo fácil, pois se trata de capacidades humanas, muitas vezes esquecidas no fundo da mente, e evocá-las demanda tempo e estratégias atrativas para quem está lendo.

A leitura crítica, ou seja, seguida de esclarecimento de contextos reais, dentro da sala de aula, pode ser o melhor caminho para assistir as demandas sociais e educacionais (motivação, proximidade com as artes, formação de leitores, evasão escolar, discriminação, discrepâncias de classes sociais, relações de poder, alienação ideológica, dentre outros), a fim de promover uma satisfatória formação de leitores, e real posicionamento do estudante de língua estrangeira em seu país de origem. É importante lembrar que, como em qualquer área de pesquisa, a função do ensino-aprendizagem de uma LE deve ser orientada de acordo com o contexto

histórico, relacionando as metodologias ao momento cultural vivido e experiência pelos alunos.

O inglês não se apresenta como segunda língua no Brasil, mas, sim, como língua estrangeira - o que não impede, em nada, o avanço do idioma em todos os setores da sociedade brasileira como um todo. Existem exemplos práticos de como estamos, diariamente, exercitando nossa habilidade de leitura em inglês, tais como: livros, *internet*, *signposts*, exames de admissão para cargos, rótulos de produtos importados, provas para ingresso na educação superior, acesso a mestrados e doutorados e outros.

As disciplinas de língua inglesa, no sistema educacional vigente, mais precisamente no ensino médio, estão baseadas, maciçamente, no método gramática-tradução e interpretação de textos, somente com intuito de munir discentes de conhecimentos superficiais de um idioma, para o seu ingresso no ensino superior, através de vestibulares, caminhando na contra mão de estratégias verdadeiramente úteis para a aquisição do inglês e crescimento pessoal do aluno, como também menosprezando a complexidade da leitura, pois também se aprende a ler a vida real através da escrita, da música e da interação humana.

O presente trabalho trata de um desafio reflexivo, partindo de um questionamento local e global, que é: o que estamos ensinando na sala de aula, nas aulas de inglês, em se tratando de leitura, contribui para a formação do leitor crítico? De algum modo, esse questionamento tem o objetivo de oferecer apoio ao ensino de leitura nas escolas, principalmente nas aulas de língua inglesa.

A educação escolar é um dos pontos chave dentro de uma sociedade, pois representa um pilar para a evolução e sobrevivência dos seres humanos. A educação em escolas auxilia no desenvolvimento econômico e social, já que se trata de um importante mecanismo para fornecimento de mão-de-obra para funções dentro de um sistema (cargos, relações de produção e consumo, por exemplo), e, não menos importante, de cidadãos engajados no ato de observar o mundo ao seu redor, para de fato poder refletir a respeito e transforma-lo, se possível.

Por isso, devem trabalhar o educativo com a certeza que se deve trabalhar uma ação cuja natureza se articula diretamente com a realidade vivida pelos educandos, pois essa articulação, aliada a uma dada concepção de mundo, direciona a ação dos homens. Logo, a educação escolar não pode ser

pensada como algo neutro em relação ao mundo, mas como algo que produz, na sua própria dinâmica, caminhos diferenciados para a ação social concreta em função de interesses e necessidades dos próprios educandos. (RODRIGUES, 2003, p. 44)

Pode-se afirmar também que é necessário estimular a formação do indivíduo leitor e reflexivo, quando se sabe que é através do fortalecimento dessas habilidades que os estudantes podem tomar atitudes e prosperar em seu cotidiano, com autonomia. Poderia ser função da escola e da pesquisa, também, proporcionar ao estudante situações de ensino-aprendizagem que contextualizam os conhecimentos, que os alunos e professores se conectem simbolicamente e espiritualmente com outros seres humanos. Desse modo, o aluno e mestre podem estar desbravando mares de autoconhecimento que vão muito além dos conteúdos dos textos didáticos.

A partir desta reflexão, para nortear esta pesquisa, foram levantados os seguintes questionamentos: no que diz respeito às aulas de inglês, em se tratando de leitura, as atividades com textos em inglês contribuem para a formação do leitor crítico e reflexivo? Por que atividades envolvendo os seus agentes (educador e educando) não criam estímulo para o aprendizado da língua estrangeira, e, também para a formação de leitores?

Diante disso, foram levantadas as seguintes hipóteses, a fim de responder os questionamentos acima: os estudantes não se encontram aptos para desenvolver leituras críticas de textos, pela falta de atividades desta natureza no dia-a-dia, o que faz com que aumente a responsabilidade do educador; é necessário maior entendimento e fomento de práticas e métodos de ensino-aprendizagem que intervenham na melhoria das atividades propostas em sala de aula, respeitando as dimensões da comunicação, de pensamentos e vivências do grupo no mundo da atualidade.

Esse trabalho tem, como objetivo geral, propor a otimização da competência da leitura em língua inglesa, como ferramenta para o desenvolvimento crítico e reflexivo do aluno/ser humano. Para que o objetivo geral fosse efetivado, os seguintes objetivos específicos foram estabelecidos: analisar como fatores motivacionais e didáticos, dentro da sala de aula, podem encaminhar e auxiliar estudantes para o desenvolvimento de si e da leitura crítica em língua inglesa; demonstrar como atividades de leitura mediadas, em língua inglesa, podem ajudar

no desenvolvimento cognitivo/social e motivação do indivíduo.

Essa pesquisa é do tipo ação, favorecendo as discussões e a produção cooperativa de conhecimentos sobre a realidade vivida dentro da sala de aula, e bibliográfica, para fins de embasamento teórico. Como técnica de coleta de dados, para essa investigação, foram utilizadas a observação estruturada e um questionário, também estruturado, a fim de termos os objetivos alcançados.

Nosso estudo está assim dividido: inicialmente será feito uma breve discussão das características da leitura e seus processos mentais, assim como sua importância para uma melhor qualidade de vida e desenvolvimento interpessoal. Em seguida, evidencia-se como as atividades de leitura em língua inglesa podem ajudar no desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo, e também sobre os efeitos infinitos e intangíveis da motivação no ensino, até chegarmos a análise dos resultados obtidos através de pesquisa ação. Apresentamos, depois, a análise e discussão do *corpus*, que estão apresentadas através de gráficos obtidos a partir dos resultados dos questionários aplicados. Finalizamos o nosso estudo, apresentando as nossas considerações finais.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA CRÍTICA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO

A leitura reflexiva-crítica e a realidade em que vivemos estarão sempre se tornando extensões de nossas vidas, são lembranças ou novas informações que nos visitam como lampejos, que dentro de nossas mentes podem se transformar em nosso meio, nossa consciência, atitude em relação à vida, sentimentos, sofrimento ou emoção comum a toda humanidade, e perguntas muitas vezes desconcertantes direcionadas a nós mesmos. O ensino da leitura de mundo dentro da sala-de-aula, ou em qualquer parte, tem o objetivo de espelhar o que é real, ou multiplicar a mensagem dentro da cabeça de cada um, talvez seja necessário no mínimo fazer uma pergunta e uma resposta, a fim de ultrapassar a linha de superfície do texto.

A leitura é criadora de significados e, assim quem está lendo cria seu próprio texto, utilizando-se do que foi lido, concordando ou discordando da ideia principal. O hábito da leitura reflexiva, aquela que preenche os vazios existenciais e alimenta nossa imaginação, é uma espécie de parto, ou experiência completamente desconhecida por todos nós, aquele momento onde há uma emoção impregnada, se vive e sente o texto, o faz conversar consigo mesmo, e contribui para dignidade pessoal e coletiva, trazendo sentimento comunitário, autoestima e relatos de sentimentos e vidas iguais a de qualquer um de nós.

Pode acontecer como mágica ou , assim como uma mãe que vai acalentando o filho com palavras, talvez contando uma história, enquanto que seu filho não tira os olhos e viaja, ou um vendedor na feira consegue hipnotizar o consumidor, deixando-lo incrivelmente fidelizado, tudo isso sem fazer muita força. Deve haver uma conexão muito íntima entre mente leitora e significado da mensagem real.

Sem cultivarmos, nós professores, o hábito de levar questionamentos e realidades extraclasse todos os dias à sala de aula, os estudantes nunca se acostuariam a isso, e talvez nunca descobrissem o prazer em ler ou prestar atenção no que o professor diz, ou seja, no discurso de seu semelhante, para unir ao seu. Então, professores e envolvidos na educação precisam ser leitores, obviamente. A prática da aula pode facilmente se tornar automática, correndo o risco

de afastar ainda mais os estudantes das verdadeiras realizações e mutações que a sala de aula pode oferecer. Talvez a reflexão seja o caminho chave para melhorar nossa atividade de professor.

Se um texto é marcado por sua incompletude e só se completa no ato de leitura, se o leitor é aquele que vai fazer 'funcionar' o texto, na medida em que o opera através da leitura, o ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva. (BRANDÃO E MICHELITTI apud. CHIAPPINI, 1998, p. 18)

A experiência completa de vida do ser humano que exerce a função do professor deve prevalecer durante o exercício de ensinar. Não apenas o currículo acadêmico, mas todas as suas glórias e percalços durante a docência e vida pessoal, então ele seria um contador de histórias, inserindo conteúdos como consequência, suavemente. Sendo assim, a responsabilidade do que educa se torna gigantesca, mas não impossível desde que seja maleável, que capte a necessidade real do grupo e, principalmente, atice a curiosidade e atenção de cada um.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres "vazios" a quem o mundo "encha" de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como "corpos conscientes" e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo. (FREIRE, 2004, p.67).

Ao contrário do que os meios de comunicação espalham incessantemente sobre a verdadeira importância no ato de falar inglês atualmente, só uma minoria da população tem e terá a oportunidade de usar o inglês com um meio de comunicação oral dentro ou fora do país, a restante provavelmente estará marginalizada e esquecida pelo governo, que não poupa esforços para a continuidade do progresso econômico, mesmo que para isso acabe ocultando recursos e oferecendo migalhas e discriminação à boa parte da população pobre.

3 COMO AS ATIVIDADES DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA PODEM AJUDAR NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E SOCIAL DO INDIVÍDUO

No Brasil, o inglês não é segunda língua, por isso mesmo é tratado como língua estrangeira, portanto, o seu ensino deve estar embasado por métodos verdadeiramente eficientes, tornando possível e valioso o processo de aprendizagem. No ensino público, por exemplo, não há consenso entre especialistas que planejam e os especialistas que aplicam tais estratégias, sobre o que poderia ser feito para melhoramento e desenvolvimento da língua inglesa em escolas públicas.

É por isso, pode-se afirmar, que a falta de esclarecimento da verdadeira finalidade do ensino da língua inglesa nas escolas, para ambos, docentes e discentes, resulta em fatores-problemas, que constituem a todo tempo uma “barreira institucional e socialmente validada contra quaisquer projetos pessoais ou coletivos de mudanças” (DONNINI; PLATERO; WEIGEL, 2010, p.14).

Por outro lado, a leitura reúne sensações e efeitos infinitos e desconhecidos para o ato da educação de seres, que são capazes de multiplicar as chances de estímulo à provocações subjetivas e dedutórias, necessárias para seu pleno desenvolvimento cognitivo e social, como também, promover uma satisfatória autonomia do estudante de língua estrangeira em seu país de origem.

Mais do que aplicar estratégias para se chegar ao sentido do texto, os significados derivam de práticas sociais, visto que o sentido não está no texto, muito embora ele sempre proponha um, mas está no que fazemos com ele, ao percebermos o jogo verbal da significação (MEURER, 2000, pag 102)

A leitura se apresenta como única habilidade, em língua inglesa, exigida de fato dentro do Brasil. O inglês, no contexto brasileiro, costuma ser utilizado em diversas formas e lugares e, principalmente, na linguagem escrita, tais como: em marcas de produtos importados e mesmo nacionais, séries de televisão, exames de admissão em cargos de empresas, placas de sinalização, material extra para áreas

de pesquisa, como biologia, medicina e outras, onde sempre há autores estrangeiros especialistas.

Um dos pecados mais graves, nesse caso, é o preconceito. Um e outro meio construíram o seu leitor ideal. Ele é comportado, aplicado, severo – um homem de Esparta, como já se disse. Segue rotinas, modelos e responde sempre que convocado. Já o leitor real precisa dar respostas bem menos sacerdotais à vida. Necessita de serviços, de interpretações, do riso largo. A percepção crítica do mundo passa por todos esses sentidos. Não deve haver preconceito.¹

O leitor real, o que precisa de respostas mais condizentes com o que vive, ou aquele ideal, aplicado, mas que não entende palavras difíceis e densas, estão nas salas de aula aguardando que em algum momento algo lhe chame realmente atenção e o faça ter curiosidade e força para continuar sua saga pela vida. O aluno em questão poderá ou não se conectar a uma ou outra atividade de leitura proposta pelo professor, isso dependerá da atmosfera criada, das perguntas levantadas, de uma ou outra pressão externa.

Não deve haver preconceito de pensamentos no ambiente escolar, por mais que haja obrigações, compromissos e exames finais. Há uma diversidade enorme em cada sala de aula, por isso a qualidade e o direcionamento dos debates devem ser agregadores, não se delimitando ao objetivo específico da atividade proposta, pois o que se está em jogo são vidas, prontas para desaguar em um mar de esperança ou sucumbir em seu caminho, por vezes cruel e inevitável.

Não há possibilidades de crescimento de fora para dentro, a renovação vem de algo mais profundo da alma, é preciso ter a habilidade de tocar corações e não somente registrar aulas e aprovar alunos. Contudo, a consequência de um trabalho mais afetivo e dedicado a estudo das emoções, pode plantar sementes em terras férteis, nos fazendo dançar conforme a música do saber.

¹ Fonte: <http://www.institutogrpcom.org.br/clientes/irpc/portal/Files/News/file/livro-leitura.pdf>

3.1 A importância da motivação como estratégia para alcançar os objetivos da leitura crítica

O resultado do tradicionalismo, no que diz respeito à como se conduz uma aula, para muitos estudantes e professores, é que a instrução para compreensão de leitura é frequentemente minimizado ou prejudicado em favor dos esforços institucionais direcionados para ingresso nas universidades e faculdades, por meio de exames classificatórios.

Uma minoria de alunos parece estar apta para o aprendizado do discurso oral e linguagem escrita ao mesmo tempo. Similarmente, há muitas pessoas aprendendo uma nova língua. Esses estudantes podem ser retraídos ao falar na nova língua, apesar de terem alguma compreensão dele.

É necessário encontrar um equilíbrio que nos permita exigir dos alunos aquilo que preparamos para poderem dar. Sem perder de vista que em muitos domínios eles não estão espontaneamente preparados para nos entenderem' (Magalhães & Alçada, 1988, p.55)

A estratégia para incorporar a leitura ao sistema educacional pode ser discutida porque, no contexto social brasileiro, as pessoas geralmente lêem em inglês para sobreviver no dia-a-dia. Está claro, também, que quando os alunos estão motivados, acabam por usar o inglês para atividades cotidianas fora da sala de aula, como: compreender letras de músicas, ver programas de TV ou filmes, jogar vídeo games e interagir, através de *emails* ou bate-papo ao vivo, com estrangeiros falantes da língua inglesa. A reflexão proposta aqui é para nos levar a caminhos não facilmente ignorados e/ou desconhecidos para professores, alunos, pais, coordenadores, diretores e outras partes interessadas, envolvidas no empreendimento educacional.

É interessante destacar que, durante a apresentação de um texto ou momentos em sala, podem ocorrer contextos que o aluno desconhece, portanto é necessário entregar-lhes alguns elementos que façam uma ponte de conhecimento e consigam diluir palavras novas e torne o novo contexto atraente. É muito importante também que os educadores tenham o fascínio em descrever enredos e sejam capazes de despertar na criança igual representação em suas mentes, pois

sendo um texto ou conversa muito complexa, se não houver mediação, pode fomentar obstáculos mentais insuperáveis para alguns.

Aqui surge novamente a questão da leitura mediada e da leitura solitária. Numa leitura mediada, o professor esclarecerá sobre os contextos e palavras difíceis, mas numa leitura solitária, certamente alguns leitores vão ficar desinteressados e abandonar a leitura.²

Durante as aulas de inglês, ou qualquer outra, surgem palavras desconhecidas, mas o professor pode, com certeza, interferir para explicar, decifrar ou auxiliar na busca em dicionários, pois a maioria das dúvidas podem ser superadas, sem se tornar chato para os alunos que só ganham com o entendimento de novos vocábulos.

Além do papel do professor como aperfeiçoador da técnica de leitura, este deve ainda incentivar à leitura durante os tempos livres, como jornais desportivos ou revistas cor-de-rosa, partindo do princípio que ‘Comigo aprendes a ler. “Mas a gostar de ler, terás de aprender sozinho” (Magalhães & Alçada, 1988, pag. 48)

O caminho para o ensino humano requer reflexão, preparação e ação, não importa a ordem, ainda por cima temos de conviver, claro, com a carência de estruturas físicas, que, geralmente, assolam grande parte da educação brasileira (laboratórios sem recurso, quadras esportivas, bibliotecas ou auditório de palestra, que possuam espaço apropriado para o contingente de alunos, acessibilidades, ausência das artes no cotidiano escolar, alimentação, dentre outros), que desmantelam e acabam por colocar outra pedra no meio da evolução de conhecimento pessoal. O melhor seria se tivéssemos somente o desafio gigantesco do aprender e o ensinar.

É merecido o destaque dessa dura travessia pessoal, profissional e intransferível, para cada professor ou para aqueles que segurarão o bastão um dia. Esse desafio de ferro, diário, de aperfeiçoamento da prática de aulas, como um

² Fonte: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/6477/1/RELATORIO_ildamoreira.pdf

espectro latente nas almas de quem gosta de ensinar o próximo. É interessante afirmar a todos: ensinemos a pescar, pois, fazendo isso, estaremos cumprindo um dos atos mais políticos que existe, o de educar.

Acredita-se na possibilidade de controle das emoções, o que se faz urgente na medida em que ficar a seu serviço traz sérios prejuízos a vida humana. O adulto, neste caso o professor, deve ter clareza sobre o que é emoção, como funciona, para poder administrá-la em si e no outro. É um grande desafio, uma vez que os progressos da inteligência, responsabilidade do professor, dependem, em grande parte, do desenvolvimento da afetividade. (ALMEIDA, 1999, pág 68)

As emoções podem, então, ajudar os educadores a compreenderem melhor a eficácia de sua ação. Tal habilidade de controle sobre as emoções pode não ser tarefa fácil, pois exigirá que o nível de afetividade do educador seja satisfatório. Administrar emoções humanas para fins de aprendizado é como fazer alquimia para obter melhores resultados, partindo do ponto em que nós, humanos, interagimos e aprendemos nos planos material e emocional.

Observar e absorver as nuances da comunicação e das artes, aperfeiçoar técnicas de sabedoria emocional, a leitura reflexiva mediada, aproximação e concentração da atenção de grupo são alternativas para que haja, pelo menos, uma leve atração e significação para os que ali estão sentados para ouvir e aprender.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Pesquisa

Inicialmente, essa Pesquisa é do tipo bibliográfico, para fins de embasamento teórico. Também foi uma Pesquisa do tipo Ação, favorecendo as discussões e a produção cooperativa de conhecimentos sobre a realidade vivida dentro da sala de aula, tendo em vista que, ao detectar o problema, estivemos imersos no ambiente de sala de aula de modo a registrar informações, reações e *feedbacks* espontâneos, ou não, dos pesquisados e, posteriormente, interferindo diretamente nessa realidade.

Na primeira etapa da nossa Pesquisa, imparcialmente, registramos os acontecimentos e fatos de sala de aula, através de observação estruturada. Na etapa seguinte, aconteceu a execução do planejamento das atividades propostas – textos e atividades que exigiriam leitura crítica foram propostas, lidas, debatidas e executadas, em sala de aula. Após essa segunda etapa, foi aplicado um questionário de autoavaliação estruturado, com perguntas abertas e fechadas, para cada envolvido na Pesquisa Ação.

Por fim, nossa investigação teve abordagem quantiqualitativa, para verificar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, a partir das observações que foram feitas (qualitativa) e do questionário que foi aplicado (quantitativa).

4.2 População

A Unidade Escolar João Clímaco D’Almeida - uma escola pública de ensino médio, na cidade de Teresina, local onde efetivamos essa Pesquisa, conta com 900 alunos, no total, regularmente matriculados.

4.3 Amostra

A amostra de nossa Pesquisa foi constituída de 90 alunos do 1º, 2º e 3º ano da escola pública de ensino médio já mencionada, nos turnos manhã e tarde.

4.4 Técnica de Coleta de Dados

A observação estruturada e um questionário, também estruturado, foram utilizados como técnica de coleta de dados dessa investigação a fim de termos os objetivos propostos alcançados.

Na próxima seção, apresentaremos os resultados obtidos a partir do questionário estruturado aplicado, junto aos alunos, nessa investigação.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO CORPUS

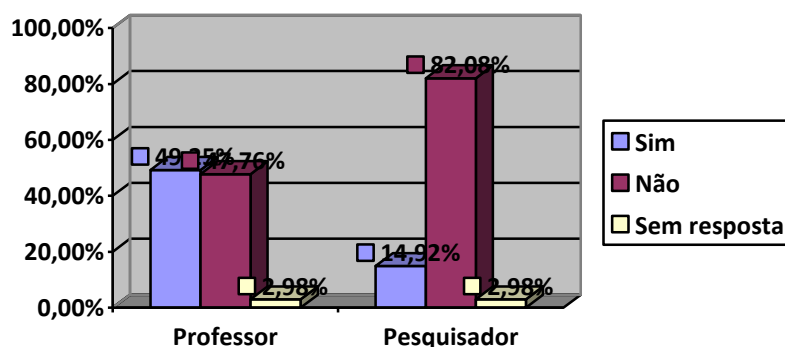
Esse capítulo tem, por objetivo, detalhar e organizar os dados coletados no transcorrer da pesquisa realizada na Unidade Escolar João Clímaco D’Almeida - uma escola pública de ensino médio, no centro de Teresina, durante os meses de maio, junho e julho/2017. A amostra desta pesquisa é representada por 90 alunos matriculados (número variável de acordo com absenteísmo do início ao fim da pesquisa) do 1º, 2º e 3º ano de ensino médio, manhã e tarde.

Em uma primeira etapa, foram registrados os acontecimentos e fatos de sala de aula, através de observação estruturada. Na etapa seguinte, aconteceu a execução do planejamento das atividades propostas – textos e atividades que exigirão leitura crítica serão propostas, lidas, debatidas e executadas, em sala de aula. Ao final, foi aplicado um questionário de avaliação estruturado, com perguntas comparativas. A fim de responder ao objetivo proposto, os resultados estão apresentados em gráficos. A seguir, temos os gráficos referentes ao questionário aplicado aos alunos.

5.1 Resultados dos questionários aplicados aos alunos

Gráfico 1

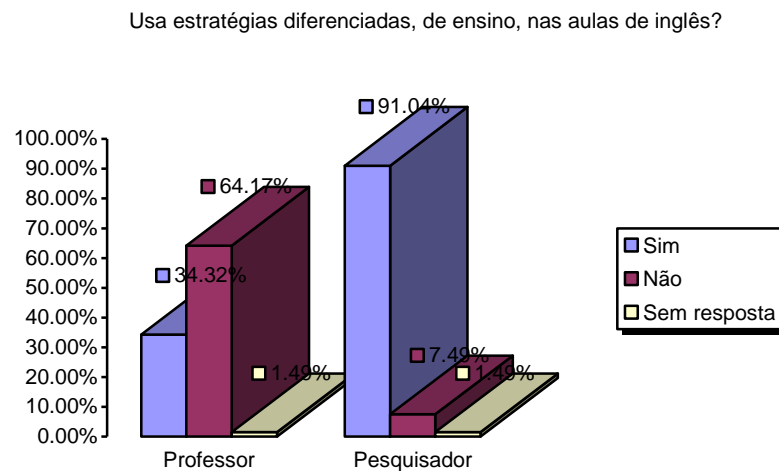
Nas aulas, somente ensina conteúdos gramaticais?



Fonte: o autor

Como demonstra o gráfico 1, 49,25% disseram que “sim” e 47,76% responderam que “não” em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 14,92% dos alunos afirmaram que “sim” e 82,08% dos alunos afirmaram que “não”, para a pergunta 1. 2,98% não responderam a pergunta feita.

Gráfico 2

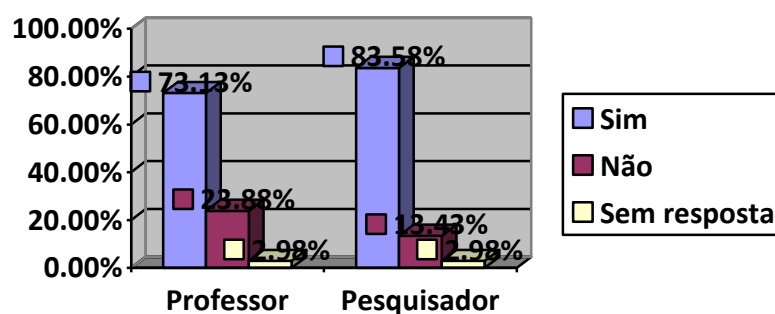


Fonte: o autor

Para a pergunta nº 02, 34,32% disseram que “sim” e 64,17% responderam que “não” em se tratando do professor da disciplina. 1,49% não responderam. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 91,04% dos alunos afirmaram que “sim” e 7,49% dos alunos afirmaram que “não”, conforme mostra o gráfico 2.

Gráfico 3

Busca desenvolver a habilidade de leitura, em inglês, com textos interessantes e diversificados em sala de aula?

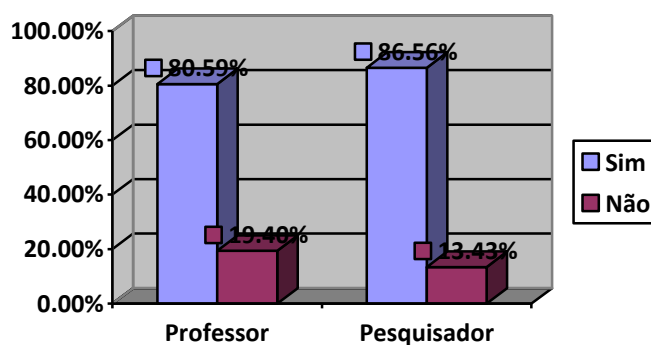


Fonte: o autor

Em relação à pergunta nº 3, 73,13% disseram que “sim” e 23,88% responderam que “não”, em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 83,58% dos alunos afirmaram que “sim” e 13,43% dos alunos afirmaram que “não”, conforme mostra o gráfico 3. 2,98% dos alunos não responderam a pergunta feita.

Gráfico 4

Trabalha exercícios de compreensão dos textos lidos?

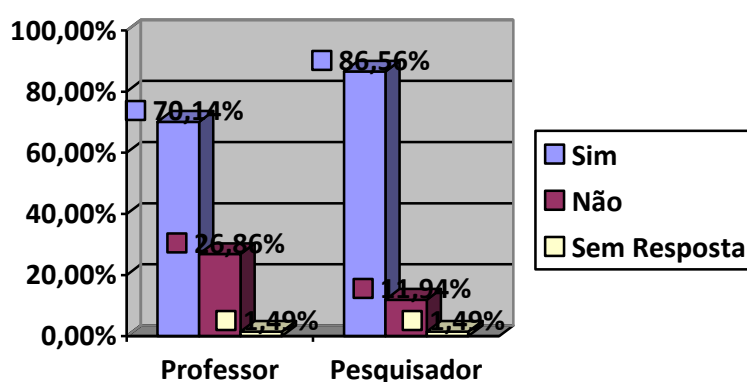


Fonte: o autor

Conforme mostra o gráfico 4, 80,59% disseram que “sim” e 19,4% responderam que “não”, em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 86,56% dos alunos afirmaram que “sim” e 13,43% dos alunos afirmaram que “não”.

Gráfico 5

Motiva os alunos para a leitura de textos em inglês?

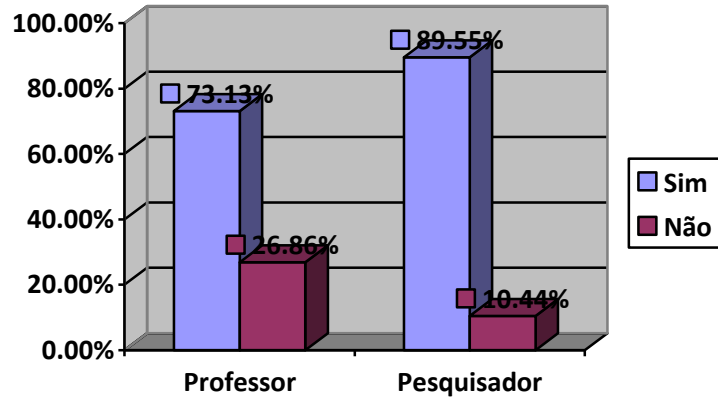


Fonte: o autor

Em relação à pergunta nº 5, 70,14% disseram que “sim” e 26,86% responderam que “não”, em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 86,56% dos alunos afirmaram que “sim” e 11,94% dos alunos afirmaram que “não”, conforme mostra o gráfico 5. 1,49% não responderam a pergunta feita.

Gráfico 6

Motiva os alunos para participação ativa nas aulas de inglês?

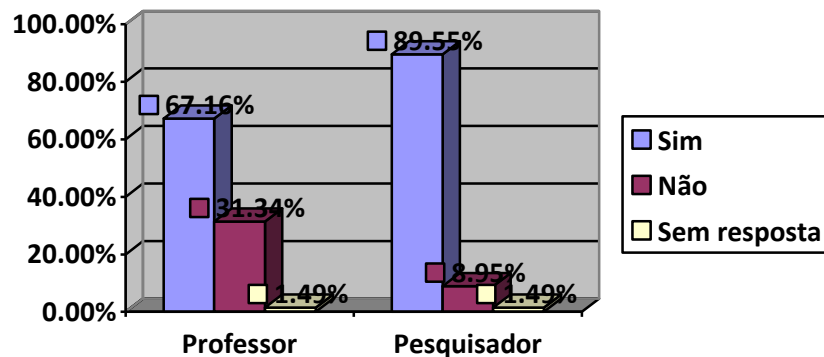


Fonte: o autor

Conforme mostra o gráfico 6, 73,13% disseram que “sim” e 26,86% responderam que “não”, em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 89,55% dos alunos afirmaram que “sim” e 10,44% dos alunos afirmaram que “não”.

Gráfico 7

Estabelece diálogo entre os alunos com atividades interativas durante as aulas de inglês?

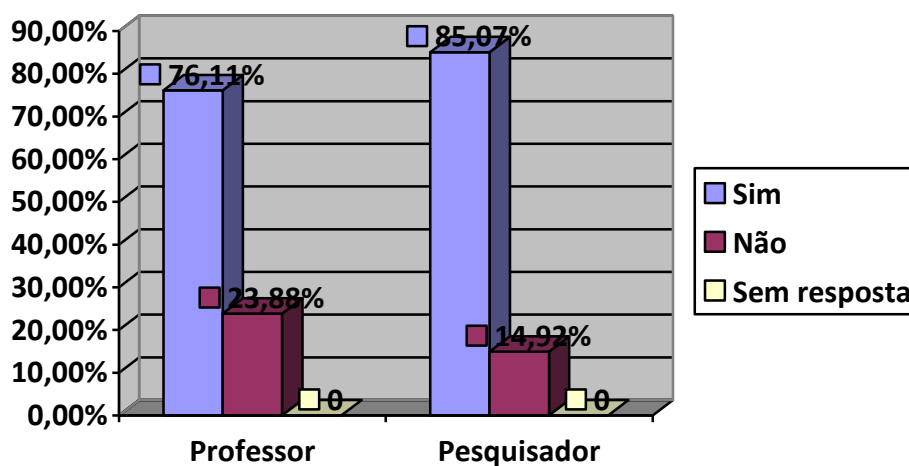


Fonte: o autor

Em se tratando da pergunta nº 7, 67,16% disseram que “sim” e 31,34% responderam que “não”, em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 89,55% dos alunos afirmaram que “sim” e 8,95% dos alunos afirmaram que “não”, conforme mostra o gráfico 7. 1,49% não responderam a pergunta feita.

Gráfico 8

Discute as ideias do texto lido? Discute, também, as respostas das atividades de compreensão após a leitura do texto?

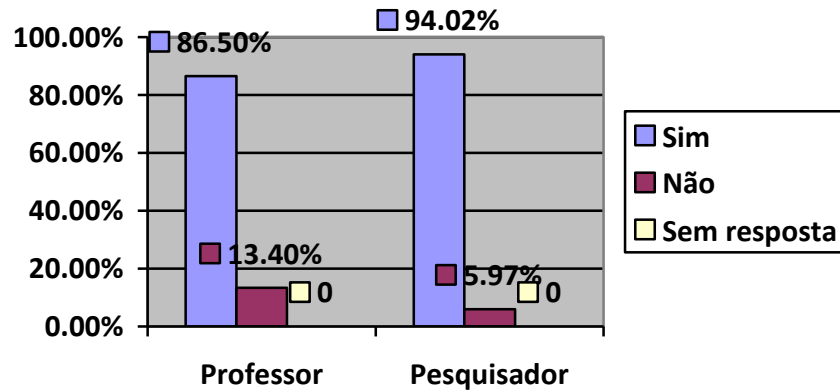


Fonte: o autor

Para a pergunta nº 8, 76,11% disseram que “sim” e 23,88% responderam que “não”, em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 85,07% dos alunos afirmaram que “sim” e 14,92% dos alunos afirmaram que “não”, conforme mostra o gráfico 8.

Gráfico 9

Incentiva os alunos para participação das atividades propostas em sala de aula?

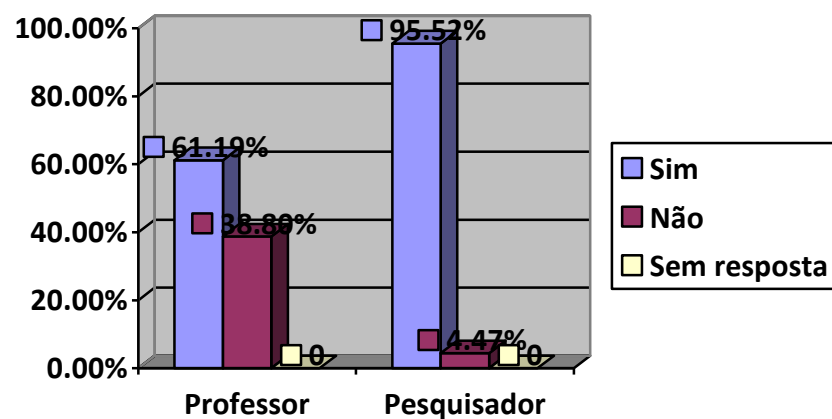


Fonte: o autor

Em relação à pergunta nº 9, 86,5% disseram que “sim” e 13,4% responderam que “não”, em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 94,02% dos alunos afirmaram que “sim” e 5,97% dos alunos afirmaram que “não”, conforme mostra o gráfico 9.

Gráfico 10

É acessível e entusiasmado quando está trabalhando com um texto ou uma música em sala de aula?



Fonte: o autor

Enfim, sobre a pergunta nº 10, 61,19% disseram que “sim” e 38,80% responderam que “não” em se tratando do professor da disciplina. Porém, quando a pergunta foi feita em relação ao pesquisador, 95,52% dos alunos afirmaram que “sim” e 4,47% dos alunos afirmaram que “não”, conforme mostra o gráfico 10.

Apresentaremos, a seguir, as nossas considerações finais acerca dos resultados obtidos em nossa pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho, foi realizada uma intervenção positiva para a melhoria da competência da leitura em língua inglesa, como ferramenta para o desenvolvimento crítico e reflexivo do aluno, mais especificamente, o aluno do ensino médio regular público. O discente, com o auxílio da leitura mediada, pode se aproximar e gostar da leitura em língua inglesa, sem receios ou barreiras intransponíveis, e, até, relacionar fatos do cotidiano com os temas propostos, ultrapassando a superfície do texto. Foi constatada, também, a importância de fatores motivacionais, dentro da sala de aula, para a facilitação do processo de acompanhamento de estudantes durante a aprendizagem de uma língua estrangeira, como também a utilização de estímulos para despertar o interesse dos alunos pela aula e estimular a leitura reflexiva, na disciplina de língua inglesa. Por fim, percebeu-se como atividades de leitura mediadas, em língua inglesa, podem ajudar na motivação pessoal e desenvolvimento cognitivo e social dos estudantes.

Comprovou-se, baseado nos resultados demonstrados por gráficos, que os estudantes acolheram e aprovaram as aulas propostas, que envolveram interações simbólicas e indução às atmosferas mentais e emocionais em que os mesmos se encontram, o que faz com que aumente a responsabilidade do professor. Outro problema percebido foi a ausência de práticas e métodos de ensino-aprendizagem que intervenham na melhoria das atividades propostas em sala de aula, adequados às dimensões da abordagem comunicativa, da psicologia e dos padrões comportamentais exigidos pelos jovens, hoje em dia.

Este trabalho contribui para a comunidade docente que está em busca de melhorar a qualidade de suas aulas, com intuito de atingir um nível de ensino no qual aluno e mestre estarão conectados em um nível mais profundo de intimidade, assim obtendo *feedback* satisfatório com seu plano de aula, não somente em relação ao aprendizado de uma língua estrangeira, mas, principalmente, para a evocação da arte de pensar, quando o intuito é educar para o desenvolvimento da criatividade e autonomia de pensamento.

Por fim, essa discussão não constitui um ponto final, mas se qualifica como uma contribuição positiva para as ciências humanas, especialmente dentro da área

do ensino-aprendizagem, para as pesquisas que buscam acrescentar melhorias na educação formal de língua estrangeira, no desenvolvimento da competência da leitura, buscando fomentar novas perspectivas de abordagens de ensino, para que se continue priorizando a leitura crítica e reflexiva, tendo a motivação como fator preponderante, para que a aprendizagem seja efetivada dentro da sala de aula.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A Emoção na sala de aula**/Ana Rita Silva Almeida. Campinas, Sp: Papirus,1999 – (Coleção Papirus Educação)

BARRERA, R. (1983). **Bilingual reading in the primary grades: Some questions about questionable views and practices**. In T. H. Escobedo (Ed.), Early childhood bilingual education: A Hispanic perspective (pp. 164-183). New York: Teachers College Press.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

CALVACANTI, M. & MOITA LOPES, L.P. **“Implementação de Pesquisa na Sala de Aula de Línguas no Contexto Brasileiro”**. Trabalhos de Linguística Aplicada, nº 17, 1991, PP.133-144.

CHIAPPINI, L. (Coord.). **Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos**. Vol. II. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DONNINI, L.; PLATERO, L.; WEIGEL, A. **Ensino de Língua Inglesa**. Cengage Learning: São Paulo, 2010.

EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Helena Maria B.; MACHADO, Maria Zélia V. (Org.). **A Escolarização da Leitura Literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

ELLEY, W. B. (1981). **The role of reading in bilingual contexts**. In J. T. Guthrie (Ed.), Comprehension and teaching: Research reviews (pp. 227-254). Newark, DE: International Reading Association.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo, Cortez Editora, 1981

FURTER, Pierre. **Educação e Reflexão**. Petrópolis. 1987. 16ª ed.

MOITA LOPES, L.P. da. **Oficina de Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras 1996.

RODRIGUES, Neidson. 1942-2003 **Da Mistificação da escola à escola necessária** / Neidson Rodrigues – 11. Ed. –São Paulo – Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época ; v. 54).

SILVA, EZEQUIEL THEODORO. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 5ª ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

VALERIE ANDERSON CENTRE FOR APPLIED COGNITIVE SCIENCE ONTARIO INSTITUTE FOR STUDIES IN EDUCATION. **Linking Reading Comprehension Instruction To Language Development For Language-Minority Students.** Marsha Roit Open Court Publishing Company, November 1994.

WEBER, R.-M. (1991). **Linguistic diversity and reading in American society.** In R. Barr, M. L. Kamil, P. Mosenthal, & P. D. Pearson (Eds.), *Handbook of reading research* (Vol. 2, pp. 97-119). New York: Longman.

WONG-FILLMORE, L., & VALADEZ, C. (1986). **Teaching bilingual learners.** In M.S. Wittrock (Ed.), *Handbook on research on teaching* (pp. 648-685). New York : Macmillan.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Questionário aplicado aos alunos

ITENS AVALIATIVOS	AULAS DE INGLÊS COM O SEU PROFESSOR	AULAS DE INGLÊS COM O ESTAGIÁRIO
1 – Nas aulas, somente ensina conteúdos gramaticais.	Sim () Não ()	Sim () Não ()
2 – Usa estratégias diferenciadas, de ensino, nas aulas de inglês.	Sim () Não () Se “sim”, quais são as estratégias? _____ _____ _____	Sim () Não () Se “sim”, quais são as estratégias? _____ _____ _____ _____ _____
3 – Busca desenvolver a habilidade de leitura, em inglês, com textos interessantes e diversificados em sala de aula.	Sim () Não ()	Sim () Não ()
4 – Trabalha exercícios de compreensão dos textos lidos.	Sim () Não ()	Sim () Não ()
5 – Motiva os alunos para a leitura de textos em	Sim () Não ()	Sim () Não ()

inglês.		
6 – Motiva os alunos para participação ativa nas aulas de inglês.	Sim () Não ()	Sim () Não ()
7 – Estabelece diálogo entre os alunos com atividades interativas durante as aulas de inglês.	Sim () Não ()	Sim () Não ()
8 – Discute as ideias do texto lido. Discute, também, as respostas das atividades de compreensão após a leitura do texto.	Sim () Não ()	Sim () Não ()
9 – Incentiva os alunos para participação das atividades propostas em sala de aula.	Sim () Não ()	Sim () Não ()
10 – É acessível e entusiasmado quando está trabalhando com um texto ou uma	Sim () Não ()	Sim () Não ()

música em sala de aula		
---------------------------	--	--

11 – Dê uma nota de 0 a 10 para as aulas de inglês com o estagiário e JUSTIFIQUE a nota dada.

12 – Qual a sua opinião sobre trabalhar textos, nas aulas de inglês. Você acha que é importante? Por quê?

APÊNDICE II

OBSERVAÇÃO ESTRUTURADA

SÉRIE: 3º ANO

DATA: 02 DE ABRIL

1. MOTIVAÇÃO DO TEXTO/LEITURA.

Neste dia de aula, entramos em sala e a professora inicia a aula no quadro, escrevendo dez frases, cada uma usando um tempo verbal diferente. A motivação nesse momento é que vai ser dado o Visto no caderno, para os que copiassem e respondesse no caderno, sendo então a aula composta somente da explicação da professora. Outro ponto importante, é que a aula segue com a explicação das frases do quadro, em seguida o aviso para que os alunos escrevam em que tempo verbal se encontra cada uma.

2. COMO SE DÁ A LEITURA DO TEXTO NA SALA DE AULA.

A leitura do texto é feita pela professora, para que todos ouçam a explicação e resolução do exercício. Dois ou três alunos conseguem participar da aula com alguns questionamentos a respeito dos tempos verbais. A leitura não é executada em momento algum na língua inglesa, ao contrario, lê-se traduzindo já para o português. Diante das sentenças expostas para os alunos, não se faz nenhuma reflexão ou relação com a realidade dos alunos, tornando a atividade um breve exame de conteúdo estudado ao longo dos anos.

3. NÍVEL DO TEXTO.

O texto possui nível básico e bem acessível, mas como não há presença de dicionários nessa aula, todas as traduções veem dos professores em sala. O desafio proposto não tem fundo interpretativo, mas sim assertivo sobre o conteúdo gramatical.

4. ABORDAGEM DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À LEITURA. (PROCESSO DE LEITURA).

A professora expõe a atividade no quadro, a qual não se trata de um texto com início, meio e fim, mas de algumas sentenças aleatórias, com intenção de revisar conteúdos gramaticais junto com o aluno. A significação das frases muitas vezes fica em terceiro plano, restando apenas identificar os verbos modais, os auxiliares e características de tempos verbais mais comuns para alunos no ensino médio. Não é feita a correção no quadro.

5. COMPORTAMENTO – RESPOSTAS DADAS PELOS ALUNOS NO MOMENTO DA LEITURA.

Os alunos se mostram interessados em revisar alguns conteúdos e até provar seus conhecimentos, mas a maioria não anotou toda atividade, por vezes por ter achado mais interessante conversar, ou trocar mensagens no celular, que é estritamente proibido em sala. Alguns ainda levantam a mão para arriscar a resposta e participar da aula, o que torna a aula mais atrativa e interativa. Outros poucos, chamam professora para dar-lhes a tradução das palavras, ou para lhe explicarem o que é para ser respondido, alegando não terem entendido a atividade.

APÊNDICE III

OBSERVAÇÃO ESTRUTURADA

SÉRIE: 2º ANO

DATA: 16/03/2017

TURNO: TARDE

1. MOTIVAÇÃO DO TEXTO/LEITURA.

Nesse determinado encontro, os textos chegam à sala em forma de atividades fotocopiadas, onde se encontravam tirinhas de humor e reflexão em inglês, geralmente compostas por três ou quatro quadros. Pois bem, como motivação, os alunos tinham somente o material (individual) e colegas de classe, pois muitos se agruparam em duplas ou trios, mas não houve apresentação dos textos ou leitura coletiva e explicativa. Foi proposta a resolução de questões contidas no material sobre as tirinhas a serem lidas. Nos exercícios, continham perguntas reflexivas a respeito da compreensão da mensagem das tirinhas. As imagens de personagens e cenários de *cartoon* agradavam e tinham a atenção da maioria, por algum tempo.

2. COMO SE DÁ A LEITURA DO TEXTO NA SALA DE AULA.

A leitura do texto é feita somente pelos alunos, de forma solitária e silenciosamente, a professora tira dúvidas na hora da execução dos exercícios. Durante a leitura, os alunos possuem meia dúzia de dicionários físicos a mão, em quantidade por vezes insuficiente em uma sala com 40 alunos. Muitos fragmentos dos textos trazem à tona a pluralidade de significados que a língua inglesa oferece, e também sua diferença estrutural, comparada língua portuguesa. Devido a isso, surgem dos alunos vários

questionamentos a respeito da tradução literal do texto, como também um baixo aproveitamento das respostas.

3. NÍVEL DO TEXTO.

Os textos da atividade são apresentados sem um glossário para auxílio, possuíam um nível intermediário de compreensão em língua inglesa. O teor das tirinhas se tratava de temas filosófico, por vezes crítico social, puxando para reflexões que condizem com o contexto histórico por qual passamos. Os exercícios possuíam enfoque interpretativo e reflexivo, não abordando conteúdos gramaticais. Essa atividade extra foi elaborada por uma aluna Pibidiana, Lanna, da Universidade Estadual do Piauí.

4. ABORDAGEM DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À LEITURA. (PROCESSO DE LEITURA).

O professor pouco se ateu a leitura do texto, executando somente a tarefa de propor aos alunos a leitura e execução das atividades do material, para depois terem como recompensa o Visto em seus cadernos. Como a escola possui alunos do PIBID auxiliando o professor efetivo em sala, foi observado a leitura, de carteira em carteira, para alguns raros alunos que se permitiam chamar o Pibidiano e pedir ajuda com a tradução de fragmentos do texto, ou até mesmo todo o texto, já que o uso do dicionário físico parecia os entediar facilmente. Não houve correção no quadro das atividades propostas.

5. COMPORTAMENTO – RESPOSTAS DADAS PELOS ALUNOS NO MOMENTO DA LEITURA.

Sobre o comportamento dos alunos, não foi percebido muito entusiasmo para debater o texto, nem questionamentos mais profundos sobre o tema. Algumas perguntas como “Por que eu não entendi o texto?”, ou mesmo, “Por que não acho essa palavra/tradução no dicionário?”, “Não vai ser corrigida a atividade?”. Por vezes se escuta também agradecimentos pela ajuda da professora e dos Pibidianos na tradução correta de grupo de palavras ou explicação sobre a atividade, e isso melhora a atmosfera da aula. Os alunos geralmente pesquisam e compartilham entre si as respostas das questões, e isso não é proibido em sala de aula. Enquanto leem o texto e exercícios, muitos acabam se concentrando mais que outros, alguns traduzem tudo online instantaneamente, assim, terminam rapidamente e ficam ali conversando com colegas de classe. Durante a execução da leitura e atividade, os alunos não demonstram desinteresse ou inquietação fora do comum, mas também parecem não se ater ao objetivo real da aula.

APÊNDICE IV

OBSERVAÇÃO ESTRUTURADA

SÉRIE: 2º ANO

DATA: 21/03/2017

1. MOTIVAÇÃO DO TEXTO/LEITURA.

Nesse encontro, a aula se inicia com um “Olá” da professora, e manuseio do livro didático. Depois de alguns minutos de euforia, ao passo que todos se acomodam melhor nas cadeiras, ouve-se muito burburinho ainda quando a professora pede que todos abram seus livros para execução da leitura e resolução das questões propostas pelo autor. Para uma tentativa de estímulo, é dito que vale Visto no caderno. Os alunos questionam se é preciso transcrever somente as respostas ou ambas, perguntas e respostas. Não houve apresentação ou leitura explicativa e de introdução do texto antecipada, por parte da professora.

2. COMO SE DÁ A LEITURA DO TEXTO NA SALA DE AULA.

O texto do livro é lido pelos alunos de forma individual e solitária, munidos somente de poucos dicionários físicos, alguns usam dicionário online e também pedem ajuda aos pibidianos, que por ali rondavam a sala tirando dúvidas e vigiando para que os alunos terminem a atividade até o fim do horário. Quase nunca a tradução literal feita pelos alunos corresponde ao real, ou os auxilia no entendimento dos questionamentos feito pelo autor. Os universitários iniciantes tentam exaustivamente fazer com que o aluno leia e interprete o texto proposto com maior concentração, mas é uma tarefa árdua e solitária.

3. NÍVEL DO TEXTO/ NÍVEL DOS QUESTIONAMENTOS

O texto possui nível básico, com imagens coloridas e traz informações sobre Os Sintomas da Gripe. O livro possui um glossário nas últimas páginas, porém o mesmo não é suficiente, sendo preciso o uso de dicionários físicos e online. A interpretação do texto não é trabalho tão complicado, os alunos logo traduzem o título, os destaques, compartilham informações com toda a sala de aula, e assim a atividade passa de individual para grupo. As perguntas do livro tem pouco teor reflexivo, tendo como enfoque deduções e constatações.

4. ABORDAGEM DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À LEITURA. (PROCESSO DE LEITURA).

A professora não entrou em contato ou debateu o texto juntamente com os alunos. Professora raramente é questionada pelos alunos, então permanece sentada a maior parte do tempo. Alguns alunos clamam por uma leitura que traduza o texto para eles, pois só assim responderiam com sucesso as questões. Não houve correção das atividades propostas.

5. COMPORTAMENTO – RESPOSTAS DADAS PELOS ALUNOS NO MOMENTO DA LEITURA.

Sobre o comportamento dos alunos, destacou-se a banalização da atividade de classe, o distanciamento de alguns, não tendo a consciência, acredite ou não, do que se tratava a aula. Indagações como “*Pode traduzir o texto pra mim, Pibidiano?*”, “Professora, é pra arrancar a folha do caderno?”, “Não consigo nem com o dicionário”, “O que a pergunta quis dizer?”, “Por que a professora não corrige pra sabermos o que erramos ou o que acertamos?”, e por aí vai.

APÊNDICE V

OBSERVAÇÃO ESTRUTURADA

SÉRIE: 2º ANO

DATA: 04/ABRIL/2017 TURNO: MANHÃ

1. MOTIVAÇÃO DO TEXTO/LEITURA.

Nesse encontro, a aula se inicia sem uma motivação explícita, a não ser o Visto nos cadernos, que contará para a nota das provas bimestrais. A atividade se trata de copiar um resumo de um assunto da gramática utilizada, e em seguida copiar três questões propostas pela gramática e responder, no caderno. Os alunos sabem que terão de entregar até o fim do horário aquela atividade e que não haverá correção. Como a gramática não apresenta textos, apenas resumos do conteúdo e questões, a atividade dos alunos se reduz a respostas precisas, e não interpretar o que foi lido ou pedido pelo autor.

2. COMO SE DÁ A LEITURA DO TEXTO NA SALA DE AULA.

A professora não lê a atividade para os alunos, tira somente dúvidas, caso seja solicitada. Há também o uso de dicionários físicos, e sorrateiramente, alguns celulares pesquisando em dicionário online. Nessa ocasião, não há lugar para leituras de interpretação, ou conversa entre professor e aluno. O que se observa é a aleatoriedade da atividade a ser estudada e respondida naquele dia, mas sem haver continuidade na aula seguinte.

3. NÍVEL DO TEXTO/ NÍVEL DOS QUESTIONAMENTOS

O texto possui nível básico, parte dele se encontra em português e as questões do exercício focam somente no conteúdo gramatical. O vocabulário contido nos exercícios muitas vezes passa despercebido pelo aluno e professor, diminuindo consideravelmente as chances de fixação de novas palavras e seus usos na língua inglesa.

4. ABORDAGEM DO PROFESSOR EM RELAÇÃO À LEITURA. (PROCESSO DE LEITURA).

Nessa ocasião, não houve leitura mediada do material, apenas um aviso de quais páginas seriam trabalhadas e a obrigatoriedade de entrega ao fim da aula. A professora tira dúvidas e conversa com alunos de forma individual, sem envolvê-los com a atividade de forma homogênea.

5. COMPORTAMENTO – RESPOSTAS DADAS PELOS ALUNOS NO MOMENTO DA LEITURA.

Sobre o comportamento dos alunos, destacou-se a imparcialidade dos mesmos com o objetivo da aula. Muitos só copiavam a atividade do caderno do colega de classe ao lado. Como não havia contato visual professor-aluno, percebia-se uma notável indiferença a aprendizagem e dispersão dentro de sala de aula. Algumas indagações, como: “ Não aprendi nada”, “Por que a professora não corrige?”, “ Qual o sentido de ter aula de inglês, se não vou precisar disso”, “Eu quero é ir embora, não aguento mais essa aula”, “Ah! professora estou com sono e preguiça demais pra responder, sinto muito”.

APÊNDICE VI

PLANO DE AULA – HIP HOP IN BRAZIL

Série: 2º ano – Ensino Médio

Data da aula: 18/05/2017

Duração: 02 horas-aula

Conteúdo: Compreensão de texto, Vocabulário, Cultura e Rap

Objetivos: Analisar a diversidade cultural e musical brasileira e americana, compreender sobre movimentos culturais do século XX e XXI, aprender vocabulário, entender estruturas sociais e conhecer personagem brasileiro.

Execução

1. Motivação

- Conversa inicial sobre tema da aula, incluindo mínimo de cinco perguntas (“Ouvem hip hop?” “Vocês conhecem o Sabotage?” “Já foram a São Paulo?” “O que é o rap?” Conhecem Racionais MC?” “Conhecem algum rapper estrangeiro?”), para ativar conhecimento prévio e recuperar concentração e silêncio da sala.
- Reprodução do rap ‘Zona Sul’ ou “Canção foi tão bom”, do artista Sabotage.
- Execução de rap “Triunfo” ao fim da aula, com auxílio de base instrumental.

2. Recursos

- Caixa de som
- Quadro
- Pincel
- Suporte para cancionário.

3. Aplicação da atividade de leitura:

Texto “Hip Hop in Brazil”, composto por uma imagem e quatro parágrafos.

- Inicia-se conversa inicial, com interação professor-aluno-tema da aula, só depois se entrega o material xerocado (Pede-se aos alunos para que enumerem todas as linhas do texto).

- O professor organiza os preparativos técnicos para execução da música, e também escreve no quadro glossário de palavras para consulta.

- Reprodução da música, o professor chama a atenção para trechos da letra do rap em questão, reflexão e questionamentos sobre o artista (em destaque na imagem).

- Alunos identificam cognatas e fazem leitura silenciosa para entender a ideia central do texto; Em dupla, respondem exercícios.

- Em seguida, leitura do texto em voz alta, feita pelo professor, em inglês, com pausas para interação com comentários, explanação e tradução parcial dos textos.

- Etapa seguinte, professor corrige a atividade se utilizando de debate e respostas dadas pelos alunos.

- No fechamento da aula, professor (ou aluno habilitado) executa a música “Triunfo”, do artista Emicida, com auxílio de base instrumental.

4. Exercícios escritos

Tipo: Compreensão de texto e tradução de vocabulário.

Components: _____

Sala: _____

Turno: _____

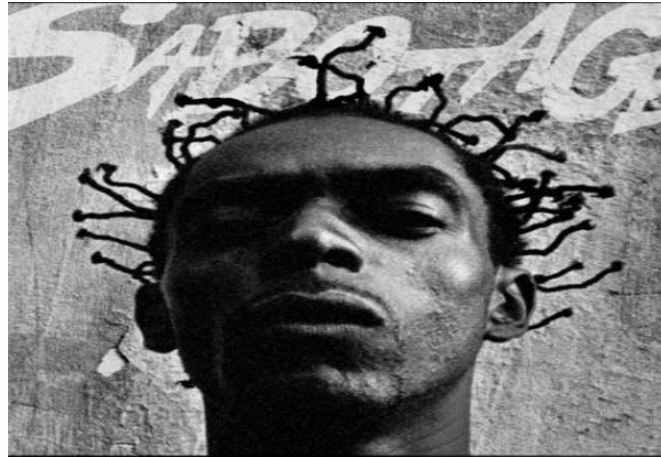
HIP-HOP IN BRAZIL

Hip-hop was born in New York but if you talk to most young people in São Paulo, Brazil, they'll tell you that they feel like it belongs to them. No one will deny it is an American import, but after more than two decades of hip-hop, pronounced "hippy hoppy" in Portuguese, local hip-hop has developed explicitly Brazilian characteristics.

In many ways Brazilian hip-hop started out under the same conditions as it did in the United States. Many in the hip-hop community relate to the social and economic conditions that hip-hop talks about within our own country. Drugs (especially crack) have taken over the favelas – Brazilian shantytowns – and extreme levels of economic inequality and poverty coupled with drug-related violence means that the majority of Brazilian youth live in precarious situations.

Hip-hop has become one of the central tools of social criticism for a marginalized youth with little prospects for employment and extremely limited access to education. Through rap they learn about Zumbi dos Palmares – a hero in the struggle against slavery – and other important Afro-Brazilian leaders; they learn about the history of Brazilian People's struggle to end the military dictatorship; and for many, it's where they are introduced to concepts of revolution, socialism and democracy.

<http://www.peoplesworld.org/article/hip-hop-in-brazil/> July 11, 2003 3:53 AM CDT By [Jessica Marshall](#)



Sporting one of the most unique hair-dos in hip-hop anywhere, Sabotage grew up slinging drugs in São Paulo's rough South Zone before becoming an overnight sensation with the release of his first and only album in 2000, titled *Rap é Compromisso*. In 2003, he suffered a violent and unexplained death, shot four times on his way home from a club. "His death really shook up the hip-hop movement all over Brazil," remembered rapper Emicida. "I think we were in a collective depression for a long time."

"Brooklyn, o que será de ti? Regar a paz, eu vim Jesus já foi assim, brigas traz intrigas, ai de mim Se não tolin, zé povim quer meu fim Se esperar, apodrece, se decompõe Se a gente faz, corre atrás, pede a paz, eles esquecem Sempre assim, crocodilo hoje só rasteja em solo fértil"

- 1- Em que país nasceu o Hip Hop, e especificamente, em qual cidade?
- 2- De várias formas o hip hop brasileiro e o americano iniciaram-se sob as mesmas condições. Quais temas o hip hop aborda?
- 3- Desenhe uma "Shantytown".
- 4- Traduza o vocabulário.

Level-

Inequality -

Youth-

Poverty-

Drug-related -

Employment-

Extrem -

Precarious -

Unemployment-

5. Quem foi zumbi dos palmares?
6. Quais os segmentos de arte o hip hop nos fornece, em qual Sabotage se expressa?
7. Qual o nome do primeiro álbum, e como ele morreu?

APÊNDICE VII

PLANO DE AULA – *THE TONE OF TOM JOBIM*

Série: 3º ano – Ensino Médio

Data da aula: 23/05/2017

Conteúdo: Compreensão de texto, Vocabulário, Música Popular Brasileira.

Objetivos: Formar leitores cientes da diversidade cultural e musical brasileira, juntamente com seu reconhecimento no exterior.

Informar sobre movimentos culturais do século XX, reter vocabulário, entreter com informações sobre música, aspectos da vida humana, sentimentos abstratos e personalidade brasileira.

Execução

1. Motivação

- Conversa inicial sobre tema da aula, incluindo mínimo de cinco perguntas, para ativar conhecimento prévio e recuperar concentração e silêncio da sala.
- Performance (feita pelo professor ou aluno habilitado) do samba em versão inglesa 'So close your eyes', do artista Tom Jobim, com auxílio de base instrumental.

2. Recursos

- Caixa de som
- Microfone (opcional)

3. Aplicação da atividade de leitura:

Texto “The rest is sea: The tone of Tom Jobim”, composto por uma imagem, cinco parágrafos e letra de música em inglês.

Inicia-se conversa inicial, com interação professor-aluno-tema da aula, só depois se entrega o material xerocado (Pede-se aos alunos para que enumerem todas as linhas do texto). Os alunos dispõem de 5 a 10 minutos para olhar e perceber o texto (Enquanto o professor organiza os preparativos técnicos para execução da música, e também escreve no quadro glossário de palavras do texto para consulta.)

Após a execução da música, o professor chama a atenção para o texto em questão, faz afirmações sobre o tema, bem como, questionamentos para os alunos sobre o personagem principal do texto.

Em seguida, leitura dramatizada em voz alta, feita pelo professor, em inglês, com pausas para interação com comentários de alunos, tradução/explicação parcial do texto. Após essa etapa, alunos lêem texto para responderem os exercícios.

Etapa seguinte, professor corrige a atividade no quadro se utilizando de debate e respostas dadas pelos alunos.

No fechamento da aula, reprodução da música, agora na versão brasileira, “Vou te contar”, ou professor canta a canção, com auxílio de base instrumental.

4. Exercícios escritos

Tipo: Compreensão de texto e tradução de vocabulário.

Os exercícios abordam compreensão de texto e ganho de vocabulário. Procuram também instigar alunos sobre interpretar e analisar objetivo do autor ao se utilizar de metáforas e códigos lingüísticos.

Components: _____

Sala: _____ Turno: _____

The rest is sea: the tone of Tom Jobim

The song I will analyze is wavy like the ocean and its author character sticks to this shape. In the English version, he warns³ the audience: 'Don't try to fight the rising sea'⁴. From the author's own hands, the translated song states the central theme of the whole project which is, not by chance, named 'Wave': all over the world, one of the most played song amongst the set of popular Brazilian songs.



The figure above shows the first gesture of 'Wave'. As we may observe, the tiny wave of 'vou te contar' ('So close your eyes', in the English version) is followed by the larger, inexorable wave. By singing this part one may realize that, in the song, the wave movement is as fundamental as love. Or rather, that this love is combined in a back and forth movement with wave-related elements: the sea, the breeze, the piers, the night, the stars, the city, the indescribable eternity which will altogether perform a true anthem... and 'anthem' seems to be the only word that makes sense to me now. But what kind of anthem does 'Wave' represent?

There is no doubt, it is an iconic song but, as a genre, Jobim's song is opposite to anthems. Features like the heroic and historic distance produced by most anthems are no good in order to analyze this song. The wave-song deals with proximity,

involvement, and little by little, is like a breeze that says: 'é impossível ser feliz sozinho' (sic).

For instance, the tiny wave of the beginning – 'vou te contar'. It is a minimal movement which produces utmost significance. It creates a special bond with the listener. Such phrase may be produced only in an environment of intimacy, of a circle of friends, which is also the intimacy of a community language – for instance, from Rio de Janeiro, typically Brazilian. In the fashion of bossa-nova, the song defines us from an anti-heraldry perspective, more colloquial, as the circle of friends may be considered.

'Close your Eyes' (Tom Jobim)

So close your eyes for that's a lovely way to be
Aware of things your heart alone was meant to see
The fundamental loneliness goes
Whenever two can dream a dream together

You can't deny
Don't try to fight the rising sea
Don't fight the moon the stars above and don't fight me
The fundamental loneliness goes
Whenever two can dream a dream together

When I saw you first the time was half past three
When your eyes met mine it was eternity

By now we know the wave is on its way to be
Just catch the wave don't be afraid of loving me

The fundamental loneliness goes
Whenever two can dream a dream together

- 1) Sobre qual música e artista o texto fala?
- 2) Translate this sentence :“Don’t try to fight the rising sea”. Explique que mensagem o autor da canção desejou transmitir.
- 3) “The wave movement is as fundamental as love”. Whats does this sentence means?
- 4) Translate the words below:

Larger –	Anti-heraldry-	Environment -
Own hands –	Bond-	Catch -
Little by Little -	Intimacy -	Whenever –
- 5) How do I say “ Vou te contar”, in the English version of the song?
- 6) Traduza a primeira estrofe da música “ So close your eyes”.

APÊNDICE VIII

PLANO DE AULA – *WHERE IS THE LOVE*

Série: 1º ano – Ensino Médio

Data da aula: 01/06/2017

Conteúdo: Compreensão de texto, Vocabulário, Cultura Mundial e Filosofia de vida

Objetivos: Formar leitores cientes da situação social e econômica mundial do século XXI, informar sobre estilos de vida e alternativas de reflexão, reter vocabulário, entreter com música, informações sobre estruturas sociais e grupo artístico The Black Eyed Peas.

Execução

8. Motivação

- Conversa inicial sobre tema da aula, incluindo mínimo de cinco perguntas, para ativar conhecimento prévio.
- Execução de música “Where is the Love?” (realizado pelo professor ou aluno habilitado), com auxílio de base instrumental e letra.
- Reprodução de vídeo do grupo cantando a música ao vivo, no fim da aula.

2. Recursos

- Caixa de som
- Microfone (opcional)
- Computador
- Data show

3. Aplicação da atividade de leitura:

Texto “Where is the love”, letra de música.

Inicia-se conversa inicial, com interação professor-aluno-tema da aula, só depois se entrega o material xerocado (Pede-se aos alunos para que enumerem todas as linhas do texto). Os alunos dispõem de 5 a 10 minutos para olhar e perceber o texto (Enquanto o professor organiza os preparativos técnicos para execução da música, e também escreve no quadro glossário de palavras para consulta.)

Após a execução da música, o professor chama a atenção para o texto em questão, faz afirmações sobre o tema, questionamentos sobre o artista (em destaque na imagem).

Em seguida, leitura em voz alta, feita pelo professor, em inglês, verso por verso, com pausas para interação com comentários de alunos, explanação e tradução parcial da letra. Após essa etapa, alunos lêem texto e respondem exercícios.

Etapa seguinte, professor corrige a atividade se utilizando de debate e respostas dadas pelos alunos.

No fechamento da aula, apresentação de vídeo da música, (legendado português) com performance ao vivo da banda Black Eyed Peas.

4. Exercícios escritos

Tipo: Compreensão de texto e tradução de vocabulário.

Os exercícios abordam compreensão de texto e acréscimo de vocabulário. Procuram também instigar alunos sobre interpretar e analisar objetivo do autor ao se utilizar de metáforas e códigos linguísticos.